

"Históricos" do PMDB recusam conciliação com conservadores

Josemar Gonçalves

A ala centro-esquerda do PMDB descartou ontem durante lançamento do manifesto «anti-Centrão», qualquer possibilidade de acordo com os conservadores, e garantiu existir disposição de bater chapa na Convenção Nacional (21 de agosto). Na hipótese de vitória, os «históricos» irão formalizar o rompimento definitivo do partido com o governo Sarney. O manifesto, subscrito por 21 senadores e 72 deputados e endereçado a todos os militantes, sugere alterar o programa e estatuto do partido, instituir uma direção descentralizada e uma Comissão de Ética eficiente e vigilante, como saídas «para retomada dos princípios do PMDB».

«Basta de fórmulas absurdas de conciliação entre os que servem ao povo e os que traem o povo, esses Cavalos-de-Tróia a serviço das oligarquias», diz o manifesto, que praticamente, segundo o deputado Hélio Duque (PR), declara aberta a guerra civil dentro do partido contra o inimigo: o Centrão. O manifesto não poupa críticas, inclusive, aos parlamentares que deixaram o PMDB, «que ao invés de travar a luta interna para enfrentar os vendilhões do templo, os arrivistas do Centrão incrustados na legenda, preferiram abandoná-lo».

Personalista

Sequer o presidente nacional do partido, Ulysses Guimarães, foi poupado na reunião — no gabinete do senador Severo Gomes — quando históricos classificaram a sua conduta à frente da Executiva como uma prática «centralista, nociva, autoritária e personalista». Porém, reconhecem que Ulysses detém a liderança de um grupo de 55 a 60 parlamentares independentes, e neste sentido pretendem manter conversações esta semana com o presidente. «Mas Ulysses terá total liberdade para optar com a chapa com a qual melhor se identifique», frisou Miro Teixeira (RJ).

Para compor a chapa que concorrerá ao diretório, os «históricos» irão consultar governadores que já garantiram apoio às propostas de mudanças internas do PMDB: Miguel Arraes (PE), Waldir Pires (BA), Pedro Simon (RS), Max Mauro (ES), Pedro Ivô (SC), Carlos Bezerra (MT) e Moreira Franco (RJ). «Não vi, até agora, qualquer governador declarar, explicitamente, apoio ao Centrão», avisou o senador José Fogaça, (RS) confiante que a posição dos progressistas dentro do partido é majoritária. «O tipo de mandato originário do Centrão é do poder econômico, e não tem qualquer ligação com a militância dos 950 delegados do partido», completou o líder do PMDB, Nelson Jobim. (RS).

Para o senador Severo Gomes (SP), é chegado o momento de «separar o joio do trigo», pois para ele, foi o grupo dos históricos do PMDB que garantiu, em sua totalidade, os grandes avanços conquistados na Constituinte.



Os «históricos» lançaram o manifesto anti-Centrão e anunciaram que vão «bater chapa» dia 21

Ulysses fez Jobim líder

Com o apoio de 173 dos 245 parlamentares do PMDB, o deputado Nelson Jobim foi, ontem, formalmente confirmado na liderança do partido na Constituinte. O deputado Ulysses Guimarães, que manobrou com o auxílio dos líderes do PMDB no Senado, Ronan Tito, e na Câmara, Ibsen Pinheiro, para evitar um confronto entre conservadores e progressistas, saiu vitorioso do episódio. Mas não teve tempo sequer de comemorar: o movimento «Novo PMDB» divulgou, ontem, manifesto reafirmando sua disposição de disputar em agosto o comando do partido com os conservadores.

Ulysses, agora no exercício interino da Presidência da República, aproveitará as duas semanas de recesso da Constituinte para articular com os governadores e as lideranças partidárias uma chapa, que se pretende única, a ser submetida à Convenção Nacional.

A confirmação de Jobim isolou a posição do grupo do deputado Expedito Machado, do Centro Democrático, que tentou, sem êxito, articular uma candidatura conservadora para a Liderança do PMDB na Constituinte. Esse isolamento foi saudado pelos históricos do partido, que se consideram im-

batíveis. Mas os conservadores não pretendem ficar marginalizados: na próxima semana, percorrerão o País em busca de uma ação comum com vários governadores identificados com o grupo.

Abertura

O manifesto do «Novo PMDB» recorre a uma dura linguagem para se referir a seus adversários no partido, mas, apesar de seus coordenadores manifestarem a intenção de rompimento com o Governo, o documento não trata disso. Na realidade, isto significa uma abertura para o entendimento com um número maior de governadores e com o próprio Ulysses, que não demonstram disposição de romper com Sarney, confirmado no Governo até o início de 1990.

O «Novo PMDB» que forçar Ulysses a uma definição entre os conservadores e os progressistas do partido. Mas Ulysses não quer fazer essa opção: ao contrário, ele está disposto a organizar a sua chapa, com a participação das diversas correntes partidárias, fazendo concessões aos progressistas nas questões programáticas, mas assegurando aos conservadores espaço na direção partidária. E, como fiel da balança, o seu próprio grupo.

Joaquinzão e Sena passam para o PSDB

O presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores, Joaquim dos Santos Andrade, o «Joaquinzão», filiou-se ontem ao PSDB, prometendo realizar esforços para atrair outras lideranças sindicais para essa legenda — «tantas quantas puder». Ao saudar Joaquinzão, a deputada Cristina Tavares, secretária do partido para assuntos sindicais, afirmou que, por ser suplente de senador, ele poderá «brevemente assumir uma cadeira no Senado, com a eleição de Mário Covas para a Presidência da República».

O ato de filiação do presidente da CGT e do deputado baiano Virgildásio Sena foi realizado no gabinete do líder do PSDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso. Em rápido discurso, Joaquinzão explicou que deixava o PMDB porque as alianças feitas pelo partido com os conservadores inviabilizaram as reformas sociais prometidas por essa legenda.

Joaquinzão acha que o novo partido será um instrumento eficaz para que os trabalhadores e o conjunto da sociedade voltem a ter um canal de expressão da sua vontade política e das suas aspirações nos campos social e econômico.

«Os desniveis sociais existentes não permitem que ninguém no partido mantenha compromissos com os segmentos conservadores voltados para a manutenção do status quo. O Brasil é hoje o 8º PIB do mundo mas a baixa renda per capita recomenda a existência de um partido que lute efetivamente pelas mudanças necessárias, sobretudo no que diz respeito à redistribuição de rendas no País» — disse o presidente da CGT.

Prestígio

A filiação de Joaquim dos Santos Andrade foi prestigiada pelo presidente do PSDB, Mário Covas — apontado por Joaquinzão como «uma das maiores reservas morais e políticas do País» — pelos líderes Pimenta da Veiga e Fernando Henrique Cardoso e pelo secretário-geral, Euclides Scalco.

Após a filiação, o presidente da CGT afirmou que ainda não está certo de que disputará a reeleição para esse cargo, em congresso que a entidade realizará no início do próximo ano. De qualquer modo, acrescentou, passará, daqui por diante, a colaborar para a consolidação do PSDB entre os trabalhadores, especialmente, em São Paulo.

Apesar da perspectiva acenada pela deputada Cristina Tavares, de ele vir a assumir uma cadeira no Senado com uma eventual vitória de Covas para a Presidência da República, Joaquinzão na realidade é segundo suplente de senador. O substitutivo imediato de Covas na cadeira é o vereador paulistano Mauro Mendonça.

Milton Reis acha «guerra» inevitável

Josemar Gonçalves

«Vamos nos preparar para a guerra», anunciou ontem o deputado Milton Reis (MG), depois de uma reunião dos conservadores do PMDB, para examinar as chances de vitória na convenção de 21 de agosto, caso haja uma disputa com os setores progressistas do partido. Apesar de continuar defendendo a união, os conservadores vão hoje ao Palácio do Planalto comunicar ao presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães (SP), que o entendimento está muito difícil.

O manifesto lançado ontem à tarde pelos progressistas foi interpretado pelo deputado Carlos Sant'Anna (BA), um dos líderes do grupo como um documento «agressivo», que evidencia o racha. «O documento me faz parecer que o esforço do doutor Ulysses será em vão. Ele não vai conseguir cooptá-los. A disposição deles é ganhar e ficar no partido, ou perder e sair», observou o parlamentar. O deputado Milton Reis, atual secretário-geral do PMDB, também acredita que os progressistas não estão dispostos a conversar. «Eles estão querendo nos alijar», afirmou.

Munição

Mesmo declarando que ainda não pensam em lançar chapa própria, os conservadores já estão contando a munição que possuem. Hoje, eles se reúnem com o deputado Ulysses Guimarães, para discutir o problema. O grupo sabe que Ulysses fará o máximo esforço para que não haja disputa. Na



Sant'Anna (ao fundo) considera inútil o esforço de Ulysses

próxima semana, encontram-se com três governadores, que contam como aliados: Orestes Quêrcia, de São Paulo; Newton Cardoso, de Minas Gerais; e Álvaro Dias, do Paraná. Paralelamente, todos os integrantes do grupo aproveitarão a diminuição dos trabalhos constituintes para acionar parlamentares e delegados nos Estados.

O deputado Carlos Sant'Anna calcula que os conservadores reúnem hoje cerca de 150, dos 263 parlamentares peemedebistas. Apesar das posições divergentes, o grupo mantém esperanças de que o

governador de Pernambuco, Miguel Arraes, possa trabalhar em favor do entendimento, para manter o PMDB unido.

Na reunião de ontem, foi formada uma comissão que se encarregará das conversas com as lideranças mais importantes do partido. Integram a comissão os deputados Carlos Sant'Anna (BA), Milton Reis (MG), Denisar Arneiro (RJ), Jorge Vianna (BA), Roberto Cardoso Alves (SP) e o senador Nabor Júnior (AC). Antes de ir ao Palácio, hoje pela manhã, a comissão reúne-se na biblioteca da Câmara.